

O AMADORISMO É PARA PROFISSIONAIS

Bruno de Macedo Zorek¹

Diferente de mim, grande parte dos meus amigos tem uma relação intensa com o futebol. Não me refiro, contudo, àquela paixão desenfreada do torcedor fanático, que coloca o time do coração acima de todas as outras coisas. A intensidade em questão é de outro tipo: é aquela do amante do esporte, para quem o resultado é menos importante do que o jogo em si; é aquela do apreciador incondicional do futebol, que gosta de um bom jogo mais do que de um título de campeonato. (Talvez isso seja um exagero, pois todos eles gostam bastante de títulos.) Para os que vivem este tipo de relação com o esporte bretão, é comum o desenvolvimento de uma erudição peculiar. Muitos desses meus amigos conhecem em profundidade as características de vários times históricos, alguns famosos, como o Santos de Pelé ou o Flamengo de Zico, outros mais obscuros, que eu mesmo não tenho condições de citar. Conhecem, ao mesmo tempo, as particularidades dos times da atualidade e sempre estão informados sobre o andamento dos mais diversos campeonatos. Para acumular esse cabedal de informações, é necessário um considerável investimento de tempo. Nenhuma das pessoas que tenho em mente pode ser descrita como desocupada – todas têm uma série de obrigações que lhes restringe o tempo livre a uma parcela relativamente pequena de seu tempo total. Além disso, nenhuma delas trabalha com futebol. Portanto, o desenvolvimento dessa erudição não é ocasional nem resultado de uma sociabilidade, por assim dizer, “passiva”, mas fruto de uma escolha e de um esforço calculados.

Nos nossos encontros, o futebol é frequentemente um assunto em pauta. Para mim, que gosto do espetáculo, mas sou incapaz de gravar a escalação de qualquer time por mais de um par de dias, é impressionante a desenvoltura com que esses meus amigos circulam, por exemplo, do Grêmio de 1983, passando pela seleção uruguaia que venceu a Copa do Mundo no Brasil em 1950 e chegando à crise do Atlético Paranaense atualmente. Costumava encarar essas conversas, metaforicamente, como se eu fosse um

¹ Doutorando em História – UNICAMP. Rua Aimberê, 2107, ap. 43. Sumaré. São Paulo – SP. CEP: 01258-020. E-mail: bruno.zorek@gmail.com

jogador de futebol amador e eles, profissionais. Entretanto, abandonei a analogia depois de terminar a leitura do livro *O futebol da contracapa*.

O volume assinado por três autores – Allan de Paula Oliveira, Hélder Cyrelli de Souza, e João Castelo Branco Machado – analisa justamente o futebol amador e me obrigou a rever o significado que eu atribuía ao amadorismo. O trio em questão não pretende dar conta deste futebol no mundo todo. Na verdade, seu recorte é bem específico: Curitiba nos dias de hoje. A redução da escala de análise, contudo, não é demérito algum – ao contrário, potencializa uma série de recursos, sobretudo a observação antropológica, e traz para o leitor o sabor da cor local do futebol. O representante da ciência de Lévi-Strauss, no caso, é Oliveira, doutor na área, mas cuja graduação foi em história. Talvez por conta da formação inicial de Oliveira, e com certeza pela presença de Souza – historiador de ofício –, o livro, mesmo focando a atualidade, não deixa desguarnecida a história do futebol amador na capital do Paraná. Machado, por sua vez, oriundo das ciências sociais, mas fotógrafo e cineasta por profissão, é quem leva os créditos pelas imagens fotográficas que fartamente ilustram a obra.

O futebol da contracapa é interessante especialmente por deslocar nosso olhar do futebol espetacularizado, com que estamos acostumados graças à grande mídia, para outras configurações desse esporte. O próprio título já é um indicativo de tal deslocamento. Os autores não estão interessados no futebol que é estampado nas capas dos jornais, seu objetivo é analisar aquele que recebe uma atenção bem mais discreta da imprensa e que ocupa, na melhor das hipóteses, a contracapa dos cadernos esportivos. Na exploração do universo escolhido, Oliveira, Souza e Machado procuram tornar compreensivo o futebol amador de Curitiba sobretudo através de comparações. Eles apresentam este futebol como ocupando um lugar fronteiro: está entre o profissionalismo e o lazer descompromissado – embora esteja muito mais próximo dos profissionais do que dos jogadores de pelada. Para muitos ex-atletas amadores de Curitiba, inclusive, essa “profissionalização” do seu futebol é descrita com amargura – já não se jogaria o futebol amador como antigamente. Os times que disputam a “Suburbana” – como é conhecido o principal campeonato amador curitibano – são muito, e cada vez mais, bem organizados. Vários contam com jogadores profissionais ou ex-profissionais; têm patrocinadores; pagam salários para seus atletas (mesmo que não haja contratos formais); têm treinadores, preparadores físicos; enfim, toda uma estrutura semelhante a dos times profissionais. A diferença, enfatizada no livro, está no

“grau de profissionalização” ou, ao contrário, no “grau de amadorismo” – uma diferença de escala. Mas essa aproximação com o futebol profissional é parcial e não dá conta, sozinha, de explicar as particularidades do futebol amador curitibano. Mesmo havendo muitas semelhanças entre os profissionais e os amadores, há um sem número de diferenças ao mesmo tempo. Uma delas, por exemplo, é o “condicionamento físico”: entre os profissionais, os jogadores precisam estar na melhor de suas possibilidades físicas caso queiram ser considerados atletas sérios; entre os amadores, essa questão é bem menos importante. Nas partidas, conforme os autores, o respeito à formação tática entre os amadores é muito mais evidente do que nos jogos profissionais. Os árbitros, figuras potencialmente polêmicas em ambos os contextos, ouvem muitíssimo mais reclamações dos amadores – o que gera pausas significativas nas partidas da Suburbana. Esses exemplos são alguns das constantes referências ao universo do futebol profissional presentes no livro e que constituem uma das principais estratégias para tanto familiarizar o leitor com o cenário descrito, quanto para construir as especificidades do futebol amador curitibano.

Além das questões em torno do futebol em si, o livro explora também as sociabilidades implicadas. Os autores apresentam os entornos dos estádios, o público que os frequenta, as peculiaridades da cobertura de imprensa que o futebol amador recebe; discutem os problemas de deslocamento dos torcedores, as características das torcidas organizadas, etc.; ou seja, inserem o futebol amador em um contexto específico – e com riqueza de detalhes. Desses detalhes, vale destacar a cerveja, que não é proibida nos jogos amadores, e o pão com bife, iguaria imprescindível nos estádios da Suburbana. Talvez o ponto alto do livro seja justamente quando os autores olham para o lado, para usar sua própria expressão, e percebem o que acontece ao redor dos jogos. A narrativa cativante que desenvolvem nessas descrições fazem do livro também um convite aos seus leitores para que conheçam outras Curitibas, menos óbvias que as convencionais. E, nesse sentido, o futebol amador é uma excelente porta de entrada para novas experiências da e na cidade. Mas mesmo sendo um texto convidativo, mantém-se a perspectiva compreensiva do início, na qual a comparação com as realidades equivalentes do futebol profissional continua como recurso fundamental.

Apesar das inegáveis qualidades, o livro peca em alguns aspectos pontuais. A começar pela inexistência de um índice, ferramenta que ajuda muito o leitor a entender a estrutura do volume e a manejá-lo com mais facilidade. Outro ponto que chama a

atenção é o contraste entre, por um lado, a insistência, muitas vezes didática, em relação a determinadas características gerais do futebol, como regras e esquemas táticos, e, por outro, certo silêncio sobre algumas condições das sociabilidades durante as partidas de futebol amador. Tomando a mim mesmo como leitor de referência, considerei supérflua a descrição dos significados dos esquemas 4-4-2 ou 4-3-3, ao mesmo tempo em que senti falta de saber, por exemplo, se o público dos jogos pagava para assistí-los ou se as entradas eram gratuitas – questão bastante pertinente, tendo em vista o destaque dado pelos autores à importância dos patrocinadores e das lanchonetes dos estádios para o orçamento dos times. Todavia, é justo esclarecer que os silêncios de que reclamo são poucos e não comprometem a obra.

Iniciei este texto de forma pouco usual, ainda mais considerando o padrão da maioria das resenhas acadêmicas. Eu me permiti essa liberdade por dois motivos: primeiro, porque o livro resenhado não é exatamente um trabalho acadêmico, ainda que tenha sido produzido a partir de um olhar construído pela Universidade, sendo assim, pareceu-me adequado também abrir mão de certas formalidades; e, segundo, porque a descrição da relação que meus amigos estabelecem com o futebol serve como uma luva para pensar o universo do futebol amador em Curitiba. Ao ler o livro, descobri que a dedicação sistemática de poucas horas livres ao esporte é talvez a mais importante característica do jogador de futebol amador. Ele tem uma série de outras responsabilidades – normalmente, por exemplo, uma jornada de trabalho de 8 horas diárias –, mas guarda o restante do dia para se dedicar ao futebol. O tipo de dedicação difere de um caso para o outro, uma é o aprimoramento de técnicas corporais e outra o desenvolvimento de uma erudição intelectual. De qualquer forma, ambas são estruturalmente semelhantes e exigem sacrifícios equivalentes daqueles que resolvem embarcar em qualquer uma dessas empreitadas. É nesse sentido que me vi obrigado a modificar o significado que dava ao amadorismo. Um amador, ou pelo menos um amador no sentido apresentado no livro em questão, é alguém que se dedica muito a uma determinada atividade, quase como um profissional – e não aquele que de vez em quando se arrisca, sem nenhum compromisso, a fazer algo sobre o qual tem pouco ou nenhum domínio.

Resenha recebida em 2/8/2013
Resenha aceita em 20/11/2013